

as sensações de pequenos desconfortos. A força excessiva dessa experiência pode elucidar o estranho fato histórico de que a antiga dicotomia entre corpo e espírito, acentuadamente hostil com relação ao corpo, possa ter sido adotada, quase inalterada, pelo credo cristão. Afinal de contas, este credo baseava-se no dogma da encarnação (o Verbo feito Carne) e na crença na ressurreição do corpo, ou seja, doutrinas que deveriam ter representado o fim da dicotomia corpo-espírito e de seus enigmas insolúveis.

Antes de voltar a Sócrates, quero mencionar brevemente o curioso contexto em que o termo “filosofar” (não o substantivo, mas o verbo) apareceu pela primeira vez. Heródoto conta que Sólon, após ter promulgado as leis de Atenas, partiu em viagem durante dez anos, em parte por razões políticas, mas também para ver o mundo — *theorein*. Chegou a Sárdia, onde Creso estava no auge do seu poder. Creso, depois de mostrar a Sólon todas as suas riquezas, pergunta-lhe: “Estrangeiro, as notícias sobre sua sabedoria e suas andanças chegaram até nós, dizendo que você percorreu muitos países da Terra *filosofando* sobre os espetáculos que viu. Daí ocorreu-me perguntar se você conheceu um homem que se considerasse o mais feliz do mundo.”⁹⁰ (O resto da história é conhecido: Creso, que esperava ser considerado o homem mais feliz do mundo, ouve de Sólon que de nenhum homem, por mais afortunado que seja, pode-se dizer que seja feliz antes da sua morte.) Creso consulta Sólon não porque ele viu tantos países, mas porque ele é famoso por filosofar, por refletir sobre o que vê; e a resposta de Sólon, embora baseada na experiência, encontra-se claramente além da experiência. Ele substituiu a pergunta “quem é o mais feliz dos mortais?” pela pergunta “o que é a felicidade para os mortais?” E a resposta à pergunta foi um *philosophoumenon*, uma reflexão sobre os assuntos humanos (*anthropeion pragmaton*) e sobre a duração da vida humana, na qual nenhum dia “é igual ao outro”, de tal modo que “o homem é pura sorte”. Sob tais condições, é prudente “esperar e prestar atenção ao fim”, pois a vida humana é uma história em que apenas o fim da história, quando tudo está completo, pode dizer o que ela foi.⁹¹ Como a vida humana tem começo e fim, como ela compõe um todo, um ente em si pode ser julgado quando a vida termina, na morte. A morte não é apenas o fim da vida, mas também concede a ela, em silêncio, uma completude que é assim subtraída do arriscado fluxo a que todas as coisas humanas estão sujeitas. Este é o ápice do que mais tarde se tornou um *topos* proverbial da Antigüidade grega e latina — *nemo ante mortem beatus dici potest*.⁹²

O próprio Sólon estava bem consciente das dificuldades envolvidas nessas proposições enganosamente simples. Em um fragmento que se encaixa muito bem na história de Heródoto, são a ele atribuídas as palavras: “o mais difícil de tudo é perceber a medida oculta (*aphanes*) do juízo, que [embora não apareça] no entanto circunscreve os limites de todas as coisas.”⁹³ Aqui Sólon parece um precursor de Sócrates, que também, como disseram depois, quis trazer a filosofia do céu para a terra, começando então por examinar as medidas ocultas por meio das quais julgamos as coisas humanas. Quando perguntaram a Sólon quem era o mais feliz dos homens, ele responde com a questão: mas diga-me, por favor, o que é a

felicidade? como você pode medi-la? Do mesmo modo como Sócrates levantou as questões: o que é a coragem, a piedade, a amizade, a *sophrosyne*, o conhecimento, a justiça etc.?

Mas Sólon dá uma espécie de resposta positiva, que contém até mesmo o que se chamaria hoje de uma filosofia total, no sentido de uma *Weltanschauung*, quando corretamente compreendida em suas implicações. A incerteza do futuro torna a vida humana miserável, “o perigo é inerente a todos os atos e feitos, ninguém sabe como vai terminar aquilo que começou, aquele que se conduz bem não pode prever a má sorte que sobre ele pode se abater, enquanto um deus em tudo favorece o perverso.”⁹⁴ Portanto, a frase “nenhum homem pode ser considerado feliz enquanto vive” de fato significa: “nenhum homem é feliz; todos os mortais iluminados pelo Sol são miseráveis.”⁹⁵ Isso já é mais do que uma reflexão; é uma espécie de doutrina; e, como tal, não-socrática. Pois Sócrates, confrontado com tais questões, conclui quase todo diálogo estritamente socrático dizendo: “Fracassei completamente em descobrir o que é.”⁹⁶ E esse caráter aporético do pensamento socrático significa que o assombro admirativo diante de atos justos ou corajosos vistos pelos olhos do corpo dão origem a perguntas do tipo “o que é a coragem?” ou “o que é a justiça?” A existência da coragem ou da justiça foi indicada aos meus sentidos pelo que vi, embora elas mesmas não façam parte da percepção sensorial, e, portanto, não sejam dadas como realidade auto-evidente. A pergunta básica de Sócrates surge dessa experiência — o que *temos em mente* quando usamos essa classe de palavras, mais tarde chamadas “conceitos”? Mas não apenas o espanto original não é resolvido por tais perguntas — uma vez que elas continuam sem resposta —, como ainda por cima é reforçado. O que começa como espanto termina com perplexidade, e, portanto, leva de volta ao espanto. Não é maravilhoso que os homens possam executar atos corajosos ou justos mesmo que não conheçam e não possam explicar o que são coragem e justiça?

17. A resposta de Sócrates

À pergunta: “o que nos faz pensar?”, apresentei respostas historicamente representativas, oferecidas por filósofos profissionais (exceto por Sólon). Pela mesma razão, essas são respostas dúbias. A pergunta, quando levantada pelo profissional, não surge das suas próprias experiências enquanto está pensando. Ela é formulada de fora — seja esse lado de fora constituído pelos seus interesses profissionais como pensador, seja o seu próprio senso comum questionando uma atividade fora de ordem na vida normal. E as respostas que recebemos são sempre muito gerais e vagas para fazer sentido na vida cotidiana, onde o pensamento, afinal, constantemente ocorre, interrompendo os processos comuns da vida — do mesmo modo como a vida cotidiana constantemente interrompe o pensamento. Se despojamos